

ALONSO DE SANDOVAL E A ESTIMA DOS JESUÍTAS PELOS NEGROS

Juliana Beatriz Almeida de Souza – UFRJ.

David Brion Davis percebeu a tendência de conquistadores e missionários em ver no Novo Mundo o antigo ideal de natureza não-corrompida. O “nativo americano parecia desfrutar da inocência e felicidade de uma era anterior à queda do homem”¹. Sendo assim, convertê-lo à fé cristã não necessariamente requeria a escravidão. O mesmo não acontecia em relação aos negros. Segundo o autor, tanto em Portugal como em Espanha prevaleceu a tendência tradicional em associar os africanos aos mouros e, portanto, à infidelidade ameaçadora, independente da confirmação empírica do contato dos negros com o islamismo.

Desse modo, um corpo de legislações foram criadas para proteger os índios da exploração colonizadora, enquanto o mesmo não era feito em relação aos negros. Pode-se mesmo dizer que, desafortunadamente, os impedimentos à escravidão indígena contribuíram para o crescimento da demanda por negros escravos. E, sendo assim, advogados dos índios, como o bispo da Nova Espanha, Diego de Landa, foram defensores da escravidão negra. Se pensarmos na América portuguesa, também encontraremos o mesmo movimento, sendo Antonio Vieira um bom exemplo disso. “Essa discriminação entre as duas raças de cor levou quase naturalmente a uma visão de que os negros haviam nascido para serem escravos e eram inerentemente inferiores tanto aos índios quanto aos brancos”².

Dessa maneira, é nos limites desse contexto intelectual entre os séculos XVI e XVII que gostaria de pensar a obra de Alonso de Sandoval.

Alonso de Sandoval nasceu em Sevilha, em 1576. Ainda menino, migrou para o Peru com seus pais, aonde seu pai assumiria o cargo de contador da Fazenda Real de Lima. Estudou no seminário de s. Martín de Lima e entrou para a Companhia de Jesus em 1593. Chegou a Cartagena de Índias em 1605 e lá permaneceu até 1617. Nesse mesmo ano, foi a

Lima, onde passou dois anos. Em 1619, voltou a Cartagena, permanecendo lá até a sua morte, em 1651.

Foi, provavelmente, nos dois anos em que esteve em Lima que escreveu sua obra *De instauranda æthiopum salute*, em castelhano, apesar do título em latim, impressa em Sevilha em 1627. Seu texto é considerado um dos mais importantes para a etnografia africana e afro-americana, publicados no período. No livro primeiro da obra, o autor faz uma descrição histórico-geográfica das principais nações africanas – Mina, Guiné e Angola – suas condições, ritos e abusões, segundo sua ótica. Sandoval nunca esteve na África e, portanto, baseia suas informações em cartas e documentos que teve acesso.

Sua obra está dividida em quatro livros, precedidos cada um deles por um resumo do seu argumento. No primeiro deles, faz uma extensa descrição dos povos africanos, suas origens, seus costumes, suas tradições. E já nesse primeiro livro, aparece a questão de fundo que parece ter movido Sandoval a escrever sua obra: por que a África permaneceu tanto tempo apartada da evangelização? Assim, Sandoval se preocupa em reverter esse apartamento, garantindo aos negros na América o conhecimento da religião. Dessa maneira, defendia que pela escravidão dos negros na América dava-se a eles a oportunidade de serem evangelizados e afastados dos erros a que estavam submetidos em suas nações de origem.

Para Sandoval, a escravidão negra era, portanto, justificável. Ainda no primeiro livro, Sandoval se coloca a questão da habitabilidade das zonas tórridas e relaciona a cor negra dos africanos à descendência de Cam, com especial sofisticação. Segundo o autor, a tez negra provinha também de uma qualidade predominante, nata e intrínseca, com qual Cam foi criado por Deus, isto é, um excessivo calor. Assim, seus descendentes saíram com a tez e com a marca desse homem que riu de seu pai com tanto atrevimento. Sandoval lembra que dizia santo Ambrosio que o nome Cam queria dizer *Calidus*, isto é, calor. A ofensa de Cam contra seu pai não só acarretou sua descendência escura, mas sujeita ao cativo, à perpétua

servidão . Como estava no livro do Gênesis: “Maldito seja Canaã! Que ele seja, para seus irmãos, o último dos escravos” (Gen 9, 25) .

Sandoval critica a visão de que a liberdade fosse parte do direito natural. Para ele, a natureza nunca mandou que fossem livres os homens e, por isso, os direitos dos homens introduziram a servidão sem contradizer os direitos naturais. Assim, diz Sandoval, que convinha ao mundo a servidão, pois a igualdade nos homens foi prejudicial e não se pode conservá-la. E, seguindo, s. Agostinho, considerou necessário que uns mandassem e outros obedecessem, uns fossem senhores e outros, súditos. E para que ao leitor isso parecesse ainda mais claro, Sandoval usou a metáfora do corpo humano: as partes interiores do corpo são servidas pelas exteriores e quanto mais nobres a parte, que é o caso do coração, que como rei do corpo é por todas as outras partes servido. “E ele como absoluto senhor envia seus espíritos vitais a todas vivificando-as, e governando-as: de modo, que não há parte em todo o corpo, nem interior, nem exterior, que não esteja organizada para a conservação de tão principal membro” .

Além disso, ainda acrescentaria Sandoval que, como havia notado Aristóteles, os rudes e de curta inteligência, pela razão, deviam servir aos sábios e discretos, para que os governassem e lhes ensinassem algum modo de viver virtuoso. Tal idéia, pois, aplicada aos negros, tornava a servidão um meio efetivo para o conhecimento da verdadeira fé e uma melhora nas suas condições de vida .

Mas se o jesuíta busca recursos para legitimar a escravidão negra, ele tinha preocupações pela maneira como se dava o aprisionamento dos negros na África e o subsequente tráfico. Em 1610, escreveu para o reitor do colégio jesuíta em Luanda, Luis Brandão, para obter informações sobre as formas de aprisionamento. Luis Brandão lhe respondeu que nenhum negro diria que foi aprisionado legalmente, mas, que eram poucos os que eram capturados ilicitamente ou condenados injustamente. Para o reitor jesuíta, por em discussão a salvação de milhares de almas por causa dessas injustas capturas, não ajudaria em nada a causa de Deus. E acrescentaria que na “América todo escrúpulo é fora de

propósito”. O tráfico, portanto, era justificado, pois promovia a propagação do catolicismo. “E, mesmo se as origens da servidão dos negros não era estritamente legítima, o Conselho das Índias sustentava que o tráfico de escravos não podia ser interrompido sem por em risco a sobrevivência das colônias e, conseqüentemente, a propagação da verdadeira fé”.

Para Saunders, no que respeita ao século XVI, a justificação suprema para o tráfico de escravos era a que sustentava ser a escravização um método eficaz para trazer os negros à luz da fé cristã . Seguindo os filósofos escolásticos, acreditava que ao pecar o homem podia cair no estado servil e via justificativa na escravidão por ela poder transformar os negros em cristãos e por poder fazer com que usufríssem de um nível superior de existência material. A essa linha de pensamento, Sandoval parecia estar filiado.

Não menor foi a atenção de Sandoval em normatizar as relações entre senhores e escravos. Para ele, senhores de escravos tinham deveres. Se aos escravos cabia obedecer, para os senhores, Sandoval, utilizando novamente a metáfora do corpo humano, comparava os escravos aos pés e recomendava aos senhores tratá-los com consideração, dando-lhes o descanso e honra que mereciam por seu serviço. E que os senhores guardassem com seus escravos a lei natural : “Tudo aquilo, portanto, que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles, pois esta é a Lei e os Profetas” (Mt 7, 12).

David Brion Davis diz que muitos historiadores exageraram a antítese escravidão versus doutrina católica. A defesa da escravidão esteve entrelaçada com conceitos religiosos e este amálgama, que se desenvolvera na Antigüidade, estava prefigurado no judaísmo e na filosofia grega. A escravidão, desse modo, em um certo sentido, era vista como uma punição resultante do pecado ou de um defeito natural da alma que impedia uma conduta virtuosa. Era também vista como um modelo de dependência e de submissão. Mas ainda em outro sentido, a escravidão situava-se como ponto de partida para uma missão divina. Foi da escravidão do corpo corrompido de Adão que Cristo redimira a humanidade.

No livro segundo, Sandoval se ocupa dos males que sofriam os negros na América: os maus tratos dos espanhóis e a dificuldade em ter acesso aos sacramentos, impedidos pelos seus senhores. No terceiro livro, Sandoval propõe uma verdadeira metodologia catequética, retirada de sua experiência pessoal. Para Sandoval, a ajuda espiritual se devia dar nos portos africanos de embarque e nos portos de chegada na América, notadamente, em Cartagena, um dos principais portos de entrada de africanos no continente. Cartagena foi um dos três portos, junto com Vera Cruz na Nova Espanha e Porto Belo no istmo panamenho, autorizados pela Coroa espanhola para receber mercadorias, incluindo aí os escravos.

Um dos temas mais difíceis para os missionários e que preocupava Sandoval era averiguar a validade dos batismos dos africanos que chegavam à América. A maioria, para Sandoval, chegava sem ter sido batizada. Alguns até tinham recebido a água do batismo sobre a cabeça, mas muito poucos haviam recebido validamente o batismo. Antes de Sandoval, o dominicano Fernando de Oliveira em sua *Arte de Guerra no Mar*, publicado em 1555, considerou que não havia guerra justa contra aqueles que não tinham sido batizados. Atacá-los e escravizá-los era verdadeira tirania. Entretanto, segundo C. Boxer, se Francisco de Oliveira teve influência nos seus contemporâneos foi mínima, desconhecendo-se qualquer citação da sua obra.

Sandoval narra também a dificuldade em catequizar os negros com a ajuda dos intérpretes que, com freqüência, se cansavam de traduzir ou mudavam as palavras ou não estavam presentes nas horas do catecismo. Se não havia tempo para uma catequese detida, pela ameaça de morte ou por outras causas, Sandoval lembrava que era necessário ensinar-lhes brevemente seis verdades antes do batismo:

1. que existe Deus;
2. que Deus é remunerador;
3. que Deus é uno criador de tudo;
4. que Deus é graça e perdoa;

5. a imortalidade da alma;
6. o que é o pecado.

Finalmente, o livro quarto está dedicado a expor a grande estima que a Companhia de Jesus teve sempre para com os negros e o esforço com que havia se dedicado à sua evangelização³. Diz Sandoval no argumento desse quarto livro que queria falar com seus irmãos e padres, "mais particular e domesticamente"⁴. Mudando, portanto, o foco da sua análise, Sandoval irá mostrar para seus irmãos jesuítas o quanto a Companhia era talhada para o ministério dos negros. Ou mesmo predestinada, como testemunhava o fato de São Francisco Xavier ter nascido em Navarra no mesmo ano (1497) do "descobrimento da Índia" "porque se entendesse como tinha Deus lhe predestinado para levar o Evangelho e semear a Fé" naquelas longínquas regiões habitadas especialmente pelos negros⁵.

Mas Sandoval desenvolve três outros argumentos para demonstrar o apreço e a grande estima da Companhia pela salvação dos "etíopes". O primeiro argumento de Sandoval é o de que a Companhia, quando não tinha mais que dez irmãos, teve por tão importante a tarefa da "restauração da Fé" na Etiópia que designou, desses dez irmãos, dois para atuarem naquelas regiões, "restando para o resto do mundo somente oito"⁶. E tanta era a estima da Companhia que designou para a missão na Índia Oriental, cujos naturais Sandoval diz ser todos negros ou mulatos, sua melhor peça: o padre Francisco Xavier. Assim, dava-se aos que mais estima o ministério de quem mais aprecia.

O segundo argumento de Sandoval era de que a Companhia que tinha cerrado as portas para as dignidades e bispados, requisitando dos seus professos que fizessem um voto de não só não pretendê-las como de não aceitá-las, tornou-as aceitáveis ali. Mas que ficasse claro que a licença para tal aceite se dava não por honra, mas por horror, não por descanso, mas por trabalhos, não por liberdade, mas por cativeiros certos, não uma vida deliciosa, mas por morte certa e rigorosa. "De sorte que as portas que Príncipes, nem reis, nem muitos Papas, puderam

abrir, os pobres e desajeitados negros forma os primeiros que as abriram: porque os tem a Companhia por tão filhos que lhes fia chave de tanta importância”⁷.

Para demonstrar o terceiro argumento, Sandoval narra uma série de casos de jesuítas que sofreram cativos ou foram mortos nas missões da Etiópia, Guiné e outras províncias de nações negras. Apesar dessas ações dos negros, diz o autor que a Companhia não desistiu de enviar seus homens, nem de defender os negros, nem de convertê-los a Cristo, tornando-se “gloriosa mãe de gloriosos mártires” e talvez, por isso “estime tanto do ministério de negros, porque lhe deu o primeiro mártir” e por “tanta honra”, queira pagar com o trabalho incansável de seus filhos, “até derramar o sangue pela salvação” como verdadeiros jesuítas⁸.

Sandoval termina o livro levantando razões para a Companhia dar a salvação aos negros. O autor lembra ser vocação da Companhia correr por “diversas partes do mundo buscando almas necessitadas”⁹. Ora, em terra de mercadores, como eram as Índias, diz Sandoval, os jesuítas eram capazes de, no “mar de mil dificuldades” sacar “pérolas de sumo valor (que são as almas redimidas com seu sangue) da conchas brancas e feias de corpos negros”¹⁰. Mas o que mais parecia preocupar Sandoval e era apresentado como um motivo de vergonha era a ação dos mouros na “perversão destas nações de negros”. Se os mouros correm tantos riscos e se empenham tanto nessa tarefa “por um prêmio e galardão corruptível e de tão pouca duração”, se pergunta Sandoval por que os jesuítas não o fariam por um “prêmio e galardão tão grande e que vai durar para sempre”? Seria, segundo Sandoval, grande vergonha que fossem vencidos pelos mouros na empresa de salvação da almas¹¹. Sandoval chegava ao fim do seu livro, portanto, recolocando em pauta a questão da luta contra os mouros e da difusão da verdadeira Fé pelos quatro cantos do mundo.

Sabe-se que os jesuítas não foram os primeiros, nem foram originais no discurso crítico ao tráfico ou no discurso de legitimação da escravidão negra. Foram antecidos pelos dominicanos no século XVI. Os nomes de Tomás de Mercado, autor da *Suma de tratos e contratos*, publicado em 1571, em Sevilha, e o de Bartolomé de Albornoz que escreveu *Arte dos*

contratos, publicado em 1573, em Valencia, podem ser lembrados. Os dois foram responsáveis por fortes ataques à forma como os negros eram capturados na África e à conseqüente ilegalidade de sua venda como escravos. Os dominicanos, portanto, assumiram, no século XVI, a crítica à maneira como era feita a escravidão negra, mantendo vivo o debate pela normatização das relações no tráfico e na exploração do trabalho servil do negro. Sandoval os seguiu em sua crítica e antecedeu aos jesuítas que atuaram na América portuguesa e, muito provavelmente, os influenciou na construção de suas obras em meados do século XVII. A obra de Sandoval mistura lenda, dados históricos e etnográficos, constituindo-se em um amplo tratado sobre os africanos, uma crônica sobre o tráfico e a escravidão na Nova Granada. Mais do que isso é um testemunho do projeto escravista cristão dos jesuítas. E, por isso mesmo, acredito, vale ser mais explorada por aqueles que se interessam em compreender mais da vivência negra no contexto da escravidão e da atuação jesuítica juntos aos negros na América ibérica.

¹ DAVIS, David Brion. O problema da escravidão na cultura ocidental. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 195 – 196.

² ibid., p. 199.

³ SARANYANA, Josep Ignasi (dir.). Teología en América Latina. Desde los orígenes a la Guerra de Sucesión (1493 - 1715). Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana/Vervuert, 1999. v. 1. p. 252 – 255.

⁴ Alonso de Sandoval. Un tratado sobre la esclavitud. Madrid: Alianza editorial, 1987. p. 505.

⁵ ibid., p. 506.

⁶ ibid., p. 515 – 516.

⁷ ibid., p. 518.

⁸ ibid., p. 520.

⁹ ibid., p. 608.

¹⁰ ibid., p. 610.

¹¹ ibid., p. 612.